

O HUMOR E AS TEORIAS DO RISO

HUMOR AND LAUGHTER THEORIES

Naruna Gabrieli Serafim¹, Natã Franco de Oliveira Silva², Márcia Cristina Florêncio Fernandes Moret³, William Araujo Lopes⁴

¹Acadêmica de Psicologia, FIMCA, narunagabrieli15@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/945385527175356>; ²Acadêmico de Psicologia, FIMCA, natafranco76@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/3228653711391995>. ³Professora e Orientadora da Faculdade de Educação de Jarú -FIMCA, Doutora em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Mestre em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), prof.marcia@unicentrro.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/0061145463575427>, <https://orcid.org/0000-0002-7366-8605>. ⁴Professor e Orientador da Faculdade de Educação de Jarú -FIMCA, Psicanalista em formação permanente. Psicólogo clínico. Graduado em Psicologia pelas Faculdades Associadas de Ariquemes (FAAR). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (PPGFIL - UNIR), william.lopes@unicentrro.edu.br; <http://lattes.cnpq.br/7351402976561675>.

DOI: <https://doi.org/10.37157/fimca.v12i1.1114>

RESUMO

O humor está presente em todas as culturas, podendo ser utilizado de diversas maneiras, especialmente na relação com o outro. A habilidade de usar o humor possibilitou a nossa evolução, interação e aptidão para criar grupos, dando origem às sociedades como conhecemos hoje, com suas peculiaridades e diferenças. O presente artigo tem como objetivo apresentar as principais teorias do humor, como a teoria da superioridade, teoria da incongruência e teoria do riso. Para tanto, adota uma metodologia de pesquisa bibliográfica, onde a revisão de literatura reúne escritos clássicos e artigos publicados nos últimos dez anos, a fim de identificar os motivos que nos levam a fazer uso do humor enquanto ato e quais são os seus principais tipos. Conclui-se que o humor é universal e possui funções importantes para o comportamento humano, podendo ser empregado como mecanismo de alívio de tensões e estresses, permitindo a expressão de sentimentos complexos de forma mais aceitável, além de ser um facilitador nas interações sociais e no fortalecimento de vínculos.

Palavras-chave: Humor, Psicologia, Humorístico, Risível, Cômico.

ABSTRACT

Humor is present in all cultures and can be used in many ways, especially in relationships with others. The ability to use humor has enabled our evolution, interaction and ability to create groups, giving rise to societies as we know them today, with their peculiarities and differences. This article aims to present the main theories of humor, such as the theory of superiority, the theory of incongruity and the theory of laughter. To this end, it adopts a bibliographic research methodology, where the literature review brings together classic writings and articles published in the last ten years, to identify the reasons that lead us to use humor as an act and what its main types are. It is concluded that humor is universal and has important functions for human behavior and can be used as a mechanism to relieve tension and stress, allowing the expression of complex feelings in a more acceptable way, in addition to being a facilitator in social interactions and in strengthening bonds.

Keywords: Humor, Psychology, Humorous, Laughable, Comic.

INTRODUÇÃO

Quando falamos de humor logo pensamos no mesmo como um estado de espírito, como por exemplo: “dependendo do meu humor, irei ou não”, “hoje não estou de bom humor”, ou ainda, podemos associá-lo aos diversos transtornos de humor existentes. Entretanto, no presente trabalho pretendemos abordar o humor pela ótica do ato humorístico.

Já foram criadas algumas teorias, que têm suas divergências, mas que de certa forma são complementares, podemos observar pelas nossas pesquisas que existe uma dificuldade em definir o que é ou não humor, visto que, o ato humorístico pode ser interpretado de diversas formas, dependendo da subjetividade de cada indivíduo. Qual é a atitude humana que chamamos de humor? Como se comporta quem emprega essa atitude? Quais as discrepâncias entre as teorias do riso?

Muitos dizem que o humor se constitui de forma específica dentro do cômico, determinando-se pela personalidade de quem ri, e de quem provoca esse riso. O humor vai surgir então como expressão da subjetividade, tendo como função atingir uma harmonia de maneira universal (Zilles, 2003).

Definir o humor não é uma tarefa fácil, existem diversas teorias sobre esta temática e cada autor tem uma visão única sobre ele. Decidimos então, nesta introdução, apresentar as principais definições de humor.

Saliba (2017, p. 11) afirma que o humor é uma área muito estudada e que existem diversas formas de olhar para ele:

Já se produziu uma verdadeira biblioteca, com centenas de volumes, que nos legaram as mais variadas definições sobre o humor e o riso (daquelas que a vida inteira de um estudioso jamais esgotaria) e que nunca lograram sequer a esboçar uma categoria ou ao menos um princípio unificador para as formas cômicas e humorísticas.

Começaremos então como a definição da primatologia, estudos foram realizados pelo primatólogo Frans De Waal em 1982, com uma espécie de macacos do congo, esta espécie tem uma sociedade complexa e faz a utilização do riso como forma de interação social, comunicação e formação de vínculo com os integrantes do bando, esta interação que começa em um nível corporal que muitas vezes não é observada, por nós seres humanos (Saliba, 2017).

Outra possibilidade que a primatologia levanta, é a de que, muito provavelmente nossos antepassados começaram a rir antes mesmo de falarmos, visto que, a parte do nosso cérebro que é responsável pelo riso (amígdala) é a mesma parte que fica localizada os instintos de medo. Além disso, um ponto relevante que contribui para esta ideia é a possibilidade de observarmos a característica de rir em outro primatas que não possuem a fala em seu repertório de habilidades sociais (Saliba, 2017).

Outras áreas do saber que abordam este tema são a neurociência e a neurologia, que dispõem de teorias e definições para o humor. Iremos abordar algumas destas teorias, a primeira faz uma boa analogia para entendermos como a neurociência vê o humor.

A analogia foi proposta por Reginald Adams Jr, considerando que o cérebro humano é então análogo ao computador e o riso consiste em um mecanismo de proteção de dados, uma reação de recompensa a uma determinada tarefa ou conflito. A mente humana o utilizaria como função adaptativa de forma ampla. Neste sentido, a reação humorística é uma das formas que o cérebro tem de se proteger. Podemos refletir sobre a semelhança entre o entendimento da neurociência e da teoria do alívio sobre o humor, as duas abordagens enxergam o cômico como uma forma de proteção que os seres humanos criaram para lidar com as adversidades do ambiente (Saliba, 2017).

Em momentos anteriores a neurociência via o ato humorístico de uma forma diferente, pois buscava achar uma prova sustentável para a afirmação de que o ato de rir é um aspecto inerente à natureza humana, ou seja, uma reação biológica aos estímulos

externos, assim como é, quando fazemos um movimento abrupto ao levamos um susto ou quando trememos de frio, uma lógica estímulo-resposta. Com os avanços destas pesquisas surgiram outras hipóteses, como a de que o ato de expressar humor é uma forma de sociabilidade e não uma característica inata.

Mantendo esta narrativa em vista, falaremos um pouco mais sobre estas três teorias que explicam o humor de formas diferentes, A teoria da superioridade ou da hostilidade, a teoria do alívio (da liberação) ou da “válvula” e a teoria da incongruência.

TEORIA DA SUPERIORIDADE

Começaremos então com a teoria da superioridade, a mais antiga, datada desde a fundação da civilização ocidental, também nomeada como Teoria da Hostilidade, Agressão e Depreciação. Platão foi um dos primeiros filósofos a perceber que no cômico há um divertimento, por malícia ou inveja. Ele evidenciou que o humor explora as falhas humanas, e observou que o riso vem do que é ridículo nos outros, e é inspirado pelas anormalidades que há nas outras pessoas. Dessa forma, o humor se dá na comparação entre as pessoas, entre um ouvinte e um falante, o humorístico seria então a “tolice” das pessoas (Tabacaru, 2015).

Para esta vertente, rimos do outro por causa de algumas desvantagens, fraqueza ou sofrimento, rimos até o momento em que somos alcançados pela compaixão. Aqui o divertimento vai surgir dos sentimentos próprios de valor elevado em relação a algo ou alguém. O riso comparece como a expressão da superioridade de um indivíduo ou grupo podendo ser estendida até a sociedades, é uma forma de demonstrar a superioridade dos indivíduos socialmente aceita, fugindo, assim, das consequências (Figueiredo, 2012).

Neste modelo de humor existem pelo menos três participantes, a pessoa que emite o ato humorístico, a pessoa que é o objeto da piada e a plateia que assiste. Nos casos do humor de superioridade auto infligido, existem pelo menos dois participantes, sendo eles: o objeto da piada ou da degradação e a plateia, o emissor passa a ser o objeto da degradação, quando falamos em plateia pode ser uma plateia propriamente dita como por exemplo, plateia de um teatro ou uma única pessoa que está presente e participando como ouvinte.

Temos Hobbes como principal representante da teoria da superioridade, para ele, ela se dá através da exposição das fraquezas alheias ou da própria fragilidade do interlocutor, o que o coloca acima do outro ou acima do próprio sofrimento. Este tipo humorístico é caracterizado pelo uso da hostilidade, malícia, agressão e menosprezo. Vale lembrar que esta teoria nem sempre está ligada a algo pejorativo, pode ser também uma forma de mostrar ao adversário que também é tão forte como ele ou pode ser uma forma de demonstrar sua inteligência e astúcia. Neste mesmo sentido o indivíduo que é objeto do humor pode não enxergar a piada de forma pejorativo, sendo assim, não causará atrito entre os envolvidos podem gerar um sentimento de pertencimento a determinado grupo, quebrar um clima tenso ou ainda causar sentimento agradáveis em todos os envolvidos. Todavia a forma como a pessoa vai reagir dependerá do nível de intimidade entre os participantes e a maneira como a pessoa interpreta a piada (Saliba, 2017).

Sua face obscura por assim dizer, está relacionada como ela pode ser usada. É importante nos atentarmos que nesta teoria sempre haverá um alvo do humor, onde este alvo vai ser colocado em uma posição de inferioridade e a pessoa que está utilizando este mecanismo será colocada em uma posição de superioridade, o indivíduo que está nesta posição de superioridade acaba destacando característica negativa ou algo que cause ao outro algum

desconforto, a graça está em tripudiar e expor as fraquezas da outra pessoa, em outras palavras o riso é gerado através da degradação e exposição dos defeitos alheio.

O humor de superioridade é uma forma de comunicação complexa e utiliza alguns mecanismos, os mais usuais são a ironia e o sarcasmo. A ironia pode estar presente em diversos lugares na música, literatura, linguagem verbal, filme, dança e artes e no humor, entende-se como ironia aquilo que a pessoa diz para significar outra, “como uma forma de elogiar a fim de censurar e censurar a fim de elogiar” (Alavarce 2009 apud Muecke, 1995, p. 33).

Segundo Alavarce (2009), na ironia cotidiana o significado abstruso é de fácil compreensão, e fica explícito a intenção e a ironia contida no contexto. Quando colocamos este entendimento de ironia no humor de superioridade podemos citar como exemplo, falar para uma pessoa que está claramente irritada, o quanto a admira sua calma e paciência, em que a ironia, neste caso, fica evidente, colocando assim agressividade e impaciência alheia em evidência. O humor de superioridade e a ironia são utilizados para demonstrar a fraqueza ou características negativas do outro, do ponto de vista do emissor, sem sofrer as consequências desta fala, o que pode gerar atrito entre as pessoas reforçando estereótipos e preconceitos.

O sarcasmo também tem o seu lugar nesta teoria e tem praticamente os mesmos efeitos da ironia. Podemos dizer que o humor da superioridade é marcado mais pelo sarcasmo do que pela ironia. De forma geral, a ironia e o sarcasmo são intimamente ligados, tendo como diferença a intensidade que é maior no sarcasmo.

Outro ponto considerado importante para a explicação do sarcasmo como característica da era atual é a necessidade do homem de sentir-se superior ao outro, fazendo com que, em uma interação sarcástica, existam até três participantes: o sarcástico; sua vítima (que não necessariamente entende a zombaria) e possivelmente uma terceira pessoa (o público do sarcástico que, para ele, está ali para aplaudir sua crítica considerada, por muitos, inteligente). Essa visão de sarcasmo como sendo um fenômeno que precisa de um mínimo de três sujeitos, embora a terceira pessoa não seja primordial (Ferreira, 2014, p. 5).

Não podemos deixar de abordar o humor de superioridade dirigido a própria pessoa que está produzindo a piada. Esse tipo de humor tende a causar menos atrito nas relações interpessoais, pois as falhas que são expostas são as do próprio humorista que utiliza os mesmos mecanismos de ironia, sarcasmo ou de degradação, expondo as características socialmente negativas ou inusitadas, só que sem o peso de usar outra pessoa como objeto. Entende-se que este tipo de humor é de superioridade, pois, ele coloca a plateia como superior ao humorista, que tende a se pôr superior os seus próprios defeitos.

Sobre esse tipo de humor Silveira (2009, p. 19) afirma: “O humor sobre si mesmo é um tipo de humor que revela capacidade do sujeito não se levar tão a sério ou pelo menos algum aspecto que o sujeito possui, normalmente contém uma dose de autoagressividade.”

Agora que já explicamos como a teoria da superioridade funciona, gostaríamos de fazer uma conexão, entre os sintomas de um transtorno de personalidade e as características deste modelo de humor usufruímos, então, do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Cabe salientar que esta junção não é o suficiente para fazer um psicodiagnóstico, visto que, este humor é muito usual em diversas personalidades “saudáveis”, iremos somente apontar alguns sintomas descrito no DSM- 5 que têm semelhanças à teoria da superioridade.

Fizemos uma pesquisa minuciosa e conseguimos encontrar um transtorno de personalidade que pode se beneficiar do humor abrasivo dirigido ao outro, como modo de se colocar em uma posição superior, e fugir das consequências desta ação, o Transtorno de Personalidade Narcisista. Este transtorno tem como seu principal aspecto o sentimento generalizado de grandiosidade em fantasia ou comportamento, outro padrão e a falta de empatia, não se importando com o que os seus comentários podem causar nas outras pessoas e tem uma necessidade de admiração estes sintomas já são grandes gatilhos para o uso do humor de superioridade (DSM-5, 2014).

Vimos que na teoria da superioridade o indivíduo usa do humor para expor as fraquezas alheia e isso de certo modo o coloca em um lugar acima da pessoa exposta, o sujeito como Transtorno de Personalidade Narcisista pode recorrer a este mecanismo quando se decepciona com as pessoas que ele escolheu para se relacionar, na tentativa de desprestigiar-la, podendo fazer piada com a sua capacidade de exercer sua profissão, por exemplo.

O DSM-5 (2014, p. 761) afirma: “Eles tendem a insistir em ter apenas a pessoa “top” (médico, advogado, cabeleireiro, instrutor) ou ser afiliados às “melhores” instituições, mas podem desvalorizar as credenciais daqueles que os decepcionam.”

Obviamente o mecanismo do humor abrasivo não é a única ferramenta utilizada pelo narcisista para desvalorizar quem o decepciona, porém nos ateremos somente aos sintomas e comportamentos que abrangem a teoria em questão:

Indivíduos com esse transtorno têm uma sensação grandiosa de autoimportância, que pode se manifestar como uma sensação exagerada ou irreal de superioridade, valor ou capacidade. Tem um senso de direito (ou seja, expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou conformidade automática com suas expectativas. É explorador interpessoalmente (ou seja, tirar vantagem dos outros para alcançar seu. Eles tendem a superestimar suas habilidades e amplificar suas realizações, muitas vezes parecendo arrogantes e pretensiosos. Eles podem presumir alegremente que os outros atribuem o mesmo valor aos seus esforços e podem se surpreender quando o elogio que esperam e sentem que merecem não é recebido. Muitas vezes implícita nos julgamentos inflados de suas próprias realizações está uma subestimação ou desvalorização das contribuições dos outros (DSM-5, 2014, p. 76).

A falsa sensação de grandiosidade pode fazer com que o narcisista tente de alguma maneira desvalorizar os que os cercam para validar suas idealizações irracionais de grandiosidade, podendo se utilizar-se de piadas insensíveis, degradantes ou vexatórias. O humor de superioridade autodirigida não é comum neste tipo de personalidade, pois tenta esconder sua fragilidade de todas as maneiras e não possui essa flexibilidade de se colocar abaixo de outra pessoa para ser o próprio objeto da piada.

TEORIA DA INCONGRUÊNCIA

Também conhecida como Teoria da Contradição, Inconsistência, Dissociação ou ambivalência, é articulada tomando como base a noção de contraste. Teve seu início a partir de Aristóteles e Platão, na filosofia grega, e em seguida teve seu desenvolvimento através dos filósofos romanos Quintiliano e Cícero. Estes também foram criadores das bases da Teoria da Superioridade, e mais tarde fizeram contribuições com suas ideias, usadas para desenvolver a Teoria da Incongruência, como é mais conhecida (Tabacaru, 2015).

Esta teoria tem mais de uma nomenclatura e há quem a chame de humor cognitivo. Considerada uma das mais amplas, no sentido de alcançar quase todas as situações humorísticas, descreve o aspecto humorístico como o resultado de uma dissonância cognitiva, ou seja, o humor vai surgir com a quebra da expectativa. Dessa forma,

a dissonância cognitiva vai fazer causar um certo ruído, um estranhamento, uma incompreensão desagradável, que vai forçar o indivíduo a decodificar a situação, usando a substituição cognitiva ou a adaptação semântica, até que certa provocação humorística faça sentido (Figueiredo, 2012).

A dissonância cognitiva é um sentimento inconveniente que acontece quando um indivíduo tem uma sincronia de cognição contraditórias. A cognição é entendida como a base de informações que nós seres humanos adquirimos com nossas experiências, e a utilizamos para fazer julgamentos de valor de causa e efeito, para avaliar riscos do ambiente que nos cerca. Em suma, trata-se de uma série de funções mentais ligada ao nosso saber prévio.

Como afirma Aronson (1969 apud Figueiredo, 2012, p. 15):

Dissonância é uma sensação negativa, que ocorre sempre que um indivíduo detém simultaneamente duas cognições (ideias, crenças, opiniões) que são psicologicamente inconsistentes. Dito de outra forma, duas cognições são dissonantes se, considerando-se estas duas cognições sozinhas, o oposto de um decorrer da outra. Como a ocorrência de dissonância é considerada desagradável, as pessoas se esforçam para reduzir essa sensação adicionando cognições “consoantes” ou alterando uma ou ambas para fazer com que elas “se ajustem”.

A incongruência pode ser entendida como algo que apresenta contradições, no humor cognitivo, a graça ou o riso surge quando duas ideias ambivalentes acontece simultaneamente advinda de um mesmo estímulo que pode ser uma piada ou alguma situação decorrente do ambiente, criando a quebra de expectativa do ouvinte é uma troca severa de ideias, uns dos teóricos que se colocam favorável a esta percepção está Saliba (2017, p. 16) que afirma “envolve portanto aquele delicioso solavanco mental que resulta da passagem brusca de um sistema de referência para outro”. A incongruente se dá por uma ideia/cognição desconexa que não faz sentido podendo estar voltada para o desatino, absurdo ou ilógico.

A seguir teremos um exemplo destes modelos de humor: “algumas pessoas não sabem o que é o PCC, e acham que é uma organização criminosa, mas gente o PCC não é uma organização criminosa, na verdade é uma ONG e eles tem um trabalho super bacana de reciclagem de ônibus através do fogo” (Lins, 2020).

Atualmente a neurociência, colabora para o entendimento que o humor é desarmônico, o cérebro é uma anarquia onde não se tem um controle, uma parte central, que dita o que falar ou fazer, o cérebro então é um emaranhado de informações que nos ajudam a refletir sobre o mundo em que vivemos e a resolver problemas. Por outro lado, esta mesma habilidade que nos torna tão flexíveis podem ser a causadora de ideias oposta ou conflitantes, e quando chegamos a este ponto nossos cérebros pode responder com o riso.

Desse modo, a neurociência entende que o cérebro foi adaptado a resolver problemas e pensar de maneira variada. Quando pensamos em algo conflitante o cérebro pode encontrar satisfação e prazer gerando o humor, leva em consideração também os aspectos sociais do humor, traz que quando queremos mostrar um ponto de vista tendemos a contar uma história, já quando queremos levantar várias questões e cruzar narrativas utilizamos o humor (Saliba, 2017).

A teoria da incongruência não abrange todos os tipos de humor, mas abrange muitos casos humorísticos, sendo dentro das três teorias a mais vasta. A incongruência é um forte mecanismo para produzir riso, mesmo que somente ela não seja o suficiente para produzir o humor, infelizmente a teoria da incongruência não explica o porquê de algumas situações incongruentes gerarem o

riso e outras não possuem o mesmo efeito, porém, na contemporaneidade continua sendo a teoria mais utilizada no meio humorístico (Saliba, 2017).

Podemos observar na piada usada como exemplo, o fato absurdo normalmente está no final da piada, o humorista conta uma história que a plateia já supõe como será o final, mas traz um final inesperado deixando os ouvintes confusos com a falta de lógica da piada ou pelo absurdo que as ideias manifestam, provocando o riso.

O interessante deste tipo de humor (humor de incongruência) é que para que tenha um efeito cômico precisará de informações prévias, que podem ser enunciadas pelos próprios humoristas, através do enredo, ou pode ser uma informação bem difundida na cultura onde a piada está sendo produzida. Além disso, também vai exigir do ouvinte uma inteligência intelectual de manipular as informações, as principais habilidades exigidas deste tipo de humor são a memória, foco, atenção e compreensão.

Este tipo de humor pode gerar tanto o atrito como a aproximação das pessoas, pois, é uma forma de expressão, podendo assim, gerar sentimentos positivos e negativos nas relações interpessoais. De forma geral o humor de incongruência pode ser entendido como sendo um humor mais humano, pois, não está voltado para a exposição das fraquezas ou para demonstrar como o outro é inferior, como é característico do humor de superioridade.

Como afirmam Santos e Domingos (2016) a base da teoria da incongruência e a contradição é o elemento surpresa, o absurdo ou algum fato no final da piada que acaba quebrando as expectativas do público, ou seja, é a própria dissonância cognitiva.

A incongruência, por ser a propulsora do elemento surpresa, do paradoxo, da quebra de expectativas e, sobretudo, a responsável pela dissonância cognitiva na interpretação do humor, é aqui considerada como o principal constituinte da linguagem “não séria” (Santos & Domingos, 2016, p. 3).

Normalmente o humor de incongruência segue uma história que tem um caminho linear, porém em algum momento desta história existe uma guinada e ocorre uma mudança do sentido. Esta quebra de expectativa pode ser uma forma de exagero, uma contradição ou um absurdo. É sempre bom lembrar que a incongruência, por mais absurda que ela seja, ainda está pautada na lógica, ou seja, é algo que é possível de acontecer, mesmo que seja somente no imaginário do espectador.

O que torna um fato ou história engraçados? A interpretação, no sentido humorístico, tem uma natureza completamente ambígua, ou seja, uma mesma piada ou história pode ser um estímulo aversivo que cause dor ou pode ser um estímulo que cause risos, pois cada indivíduo tem uma forma de lidar com o mesmo estímulo, devido suas experiências, código moral e crenças. Sobre esta perspectiva Galasso (2005, p. 23) afirma:

No processo de humor, é o observador quem define um evento como sendo ou não engraçado. Por exemplo, quem deu o soco no policial não tinha a intenção de ser engraçado; o policial envolvido, muito menos. Se o observador definir ou não o evento como sendo engraçado dependerá de seus valores – daí a natureza ambígua do humor. Por exemplo, uma pessoa que esteja muito preocupada com o não cumprimento das leis na sociedade atual provavelmente não definirá o soco dado no policial como engraçado. E, se a situação for definida como engraçada pelo observador, essa definição ocorrerá pelo riso, não pela linguagem.

Entendemos que o humor é um processo complexo que exige do observador muitas funções cognitivas, e que a incongruência assume um lugar de destaque neste entendimento. Porém, é importante observar que todas as teorias do humor aqui abordadas são complementares, formando um saber sobre o processo humorístico. Deste modo, nenhuma teoria exclui a outra, porque

todas oferecem formas de entender como o humor é utilizado dentro das relações.

Até o momento, as explicações acerca da teoria da incongruência, indicam a ideia de que o humor gira em torno de duas partes distintas entre si, e que não se combinam. Como um fenômeno cognitivo, a incongruência enfatiza a maneira como a experiência humana é obtida através de padrões aprendidos. O principal significado da incongruência está nos padrões, coisas e eventos que temos alguma percepção, e que de alguma forma altera nossas expectativas normais e alguns padrões (Tabacaru, 2015).

TEORIA DO ALÍVIO

Nuno Jerónimo (2015) traz que a teoria do alívio se deu com a junção da Psicologia com a fisiologia, e que essa definição coloca o riso como expressão do processo cognitivo de forma contraditória, que vai aproximar a ideia do riso como um sinal de alívio, ideia essa que teve início com Sigmund Freud em seu livro “Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente” (1905). Dessa forma, o alívio seria um mecanismo para minimizar algumas restrições, sejam ela externas ou internas para o indivíduo:

Os indivíduos que estejam submetidos a algum tipo de constrangimento tendem a soltar o riso quando esses constrangimentos são subitamente removidos. Como resultado, o elemento central do humor pode não ser o sentimento de superioridade, mas sim de alívio que resulta da remoção do constrangimento (Jeronimo, 2015, p. 56).

Supõe-se que nessa teoria, o humor vai ter como elemento central, o sentimento de alívio, provocado pela remoção de barreiras. Sendo reforçada principalmente por estudos de Freud (1905), que considera que o humor seria uma maneira de enganar as restrições internas que impedem que as pulsões tomem forma.

Freud (1905), justificou as piadas sobre a moral, e também os elementos maliciosos, trazendo que apesar de a laboração dos chistes ser um método dos processos psíquicos de derivação de prazer, é evidente que nem todas as pessoas têm essa capacidade para fazer utilização desse método. A elaboração dos chistes não está ao dispor de todos, apenas de alguns, e estes são considerados como os que têm “espírito” para o ato. Esse espírito vai aparecer como uma capacidade especial, independentemente das outras, como a imaginação, memória, inteligência, etc. (Freud, 1905).

Para o autor Lipps (1898 apud Freud, 1905) o chiste é algo cômico e envolve características de um ponto de vista totalmente subjetivo, ou seja, para ele os chistes seriam algo nosso, que nós mesmos produzimos, que tem ligação com nossas atitudes e com nossas relações com outros sujeitos, mas nunca com algum objeto, e nem mesmo com algum objeto voluntário. Para o autor, o chiste se refere a qualquer manifestação de conteúdo subjetivo consciente e bem-sucedida, de modo cômico. Corroborando, Fischer (1889 apud Freud, 1905) trata do mesmo assunto e mostra a relação dos chistes com o cômico, explicando que a comicidade se interessa pelo que é feio, independente e em qualquer uma de suas manifestações, se algo é feito e for encoberto, deverá ser descoberto de um jeito cômico de se olhar as coisas, e caso não for notado, ou minimamente notado, deve-se então ser mostrado e tornado evidente, de maneira que permaneça fácil de ver e entender.

Segundo Freud (1905) assim como os sonhos, atos falhos e os sintomas neuróticos, os chistes têm a mesma função de expressão do inconsciente, é uma maneira de liberar os pensamentos reprimidos. Além disso, também se preocupou em diferenciar os chistes, dividindo em dois tipos: os tendenciosos e os inocentes, fazendo ficar evidente que os chistes tendenciosos são aqueles que induzem uma explosão de risadas, e os chistes inocentes,

aqueles que não necessariamente objetivam um efeito cômico, mas produzem-no.

Se tratando dos seus propósitos Freud (1905), salienta que há alguns chistes que possuem fim em si mesmo, esses são chamados de inocentes e, há também aqueles que são chamados de tendenciosos, esses servem a um objeto particular. Além disso, ainda busca esclarecer os chistes de maneira teórica, voltando toda a sua atenção aos chistes inocentes, para evitar que os conteúdos tendenciosos se sobressaiam a estrutura do chiste. Dessa maneira ele evidencia que a produção do prazer a qualquer chiste é essencial e inerente, seja ele tendencioso ou inocente. A evocação do prazer que se expressa pelo riso, é necessária para a constituição dos chistes.

Assim pode-se afirmar que no momento que o chiste acontece, um impulso é satisfeito e um desejo é realizado. Então, nesse instante não precisa estabelecer e nem manter a inibição psíquica, é quando o prazer vem à tona, devido a economia e poupança do esforço mental. Se a evocação do prazer, e do riso, são consideradas características dos chistes, tanto dos inocentes quanto dos tendenciosos, é este último que gera maior efeito no ouvinte, produzindo explosões de riso.

Sobre os efeitos dos chistes, Freud (1905, p. 97) escreve que comparecem “[...] um nítido sentido de satisfação, um leve sorriso, é tudo o que em geral podem obter de seus ouvintes. [...] um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna os chistes tendenciosos assim irresistíveis”.

Já no texto “O humor” (1927), Freud se propôs a descobrir a fonte de prazer de onde vinha o humor, e quis demonstrar que o prazer humorístico advém da economia de sentimentos, trazendo que há duas maneiras de se fazer humor nas quais pode se obter o processo humorístico sendo elas: na primeira, uma pessoa se coloca no lugar de humorista, obtendo prazer ao satisfazer o outro com sua piada; na segunda, uma pessoa utiliza um outro como objeto para piada, com isso obtém prazer e satisfaz um terceiro, observador não participante.

Para compreender a produção do prazer humorístico vamos considerar o processo que se dá no ouvinte, diante quem algum outro produz o humor, Freud (1927, p. 276) traz da seguinte maneira:

O ouvinte vê esse outro numa situação que o leva a esperar que ele produza os sinais de um afeto, que fique zangado, se queixe, expresse sofrimento, fique assustado ou horrorizado ou, talvez, até mesmo desesperado; e o assistente ou ouvinte está preparado para acompanhar sua direção e evocar os mesmos impulsos emocionais em si mesmo.

Dito isso, se essa expectativa é quebrada e o ouvinte não esboça nenhum tipo de afeto, mas ao contrário disso, ele faz uma brincadeira, piada, então a economia desse afeto, se transforma em prazer humorístico no ouvinte. Porém, podemos verificar que é o processo que ocorre no “humorista” que precisa de mais atenção. E nessa teoria, a essência do humor nada mais é do que poupar os sentimentos e afetos que uma determinada situação daria origem e simplesmente afastar com um tipo de piada a possibilidade de expressar quaisquer emoções (Freud, 1927).

Diante do exposto, vamos falar sobre algumas características do humor nessa teoria. No humor existe uma característica de liberação a seu respeito, mas também é associado qualquer noção de grandeza e elevação onde se obtém prazer da atividade intelectual. Freud relaciona essa grandeza com o narcisismo, ligado a vulnerabilidade do ego, essa relação ele explica da seguinte forma:

O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a

permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer (Freud, 1927, p. 166).

Esse aspecto que o autor traz sobre o ego e o narcisismo, é considerado referência essencial para o humor. Então dessa forma o humor não é recusado, ele é rebelde, não é somente uma forma de aprovação, mas também do início de prazer, desviando-se da probabilidade do sofrimento, se coloca entre os meios em que a psique humana constrói com o objetivo de fugir a compulsão para o sofrer, e com essa vinculação o humor falta dignidade, como aos chistes, como falado anteriormente, eles servem basicamente para se ter uma obtenção de prazer ou simplesmente para colocar essa obtenção de prazer como um modo de agressão (Freud, 1927).

Freud (1905) quis mostrar um papel importante do humor na vida psíquica do indivíduo, e se tratou de analisar seus traços e suas funções constitutivas. Desse modo, traz que na construção do chiste se encontram processos que envolvem a condensação, unificações, deslocamentos, omissões e representações, e ainda destaca que todos esses processos tendem a uma economia. Entende-se que a função do humor em Freud, destina-se a satisfação.

O humor traz auxílio e flexibilidade a vida, e como uma válvula de escape ajuda a encarar a vida de uma maneira melhor, ele está disponível para o uso das pessoas, e é usado tanto para rebaixar quanto para chamar atenção, isso torna o indivíduo sociável, a sensação do humor é algo vivo na existência humana. Bergson (1987) traz que para o humor existir de um lado alguém deve provocar essa sensação humorística, e do outro alguém deve se identificar e se sentir inserido ou tocado, ele traz que o humor possui função social.

Bergson (1987), nos traz que além dos benefícios do humor como alívio de tensões e sua função social, o humor tem sua função corretiva e pode criticar e ridicularizar os comportamentos sociais que são inadequados, manifestando seu repúdio contra diversas situações fazendo uma ligação entre o humor, o riso e a crítica, e que de forma humorística conseguimos trazer verdades de forma indireta. Dessa forma consegue-se reforçar os valores sociais e incentivar boas virtudes e comportamentos mais aceitáveis e positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da literatura pesquisada foi percebido que na teoria da superioridade o ato humorístico acontece quando a fragilidade humana é exposta, o humor se encontra na degradação do outro ou de si mesmo, tendo como principal objetivo se colocar acima do outro ou acima de suas próprias fragilidades, onde seu principal mecanismo de linguagem é a ironia e o sarcasmo.

Nesta perspectiva, a atitude de humor surge quando encontramos alguma fragilidade, falha ou uma desarmonia no outro, e isso nos faz sentir superiores. Sendo assim, a teoria da superioridade refere-se a indivíduos que, consciente ou inconscientemente, têm a necessidade de se sentirem superiores, o que se reflete nas piadas pejorativas que expõem o outro.

Já na teoria da incongruência, o ato humorístico se encontra na dissonância cognitiva, no absurdo, na mudança brusca de ideais, no conflito de ideias opostas ou na quebra de expectativas entre o que esperamos e o que realmente acontece. Deste modo, a atitude humorista é o encontro de duas ideias, um conflito cognitivo que leva ao riso explorando as capacidades cognitivas, levando as pessoas a buscarem referências cognitivas e mudarem-nas de forma abrupta, ato que gera o humor.

Na teoria do alívio, por sua vez, a atitude humorística é associada ao alívio, o riso acontece quando o indivíduo está sofrendo pressões, e para não sucumbir a esta dificuldade, utiliza o humor como mecanismo de defesa ou como uma válvula de escape para seus sentimentos.

Podemos perceber que a principal diferença entre as abordagens está nos objetivos, na teoria da superioridade o objetivo é se sentir superior, na teoria da incongruência o objetivo é causar o conflito de ideias e na teoria do alívio o objetivo é aliviar.

O humor é universal e possui funções importantes no comportamento humano. Além disso, pode ser empregado como mecanismo de alívio de tensões e estresses, permitindo a expressão de sentimentos difíceis de forma mais aceitável. O humor é um facilitador de interações sociais e fortalecimento de vínculos. Rir com os outros cria um senso de pertencimento e fortalecimento de relações. Mas, para que o humor ocorra, é preciso, de um lado, alguém que o provoque e, do outro, alguém que se sinta inserido e tocado por este humor.

A relevância desse tema se sobressai, se considerarmos a rivalidade encontrada na sociedade contemporânea em relação ao riso e ao que é risível. A fiscalização ao humor, e as correntes do que se acredita ser correto, têm nos restringido às possibilidades de rir, sorrir e até mesmo gargalhar; as atitudes e falas são patrulhadas e acompanhadas no meio social e, caso não nos enquadremos no politicamente correto, somos julgados e considerados preconceituosos ou agressivos – o que não significa, por outro lado, que não deve haver implicação ética perante os laços sociais.

Coincidentemente, somos influenciados e convocados a uma exposição de nossas faces sorridentes nas diversas redes sociais, onde nelas estão cheias dessas imagens, mostrando a felicidade para diversos risinhos no mundo. Os rostos sorridentes que são expostos nas telas de celulares, principalmente nas redes sociais são, portanto, uma forma de expressão que exige um esforço psíquico muito grande.

Portanto, concordamos com a reflexão produzida por Calligaris (2012), onde o psicanalista fala sobre os ideais de felicidade que atormentam a civilização, onde o rir, o sorrir e sua demonstração pública, têm se convertido numa obrigação para todos. Na sociedade contemporânea, onde existe uma supervalorização da imagem, nos colocamos num circuito onde devemos demonstrar ao mundo, através de fotos e imagens nas diversas redes, que sempre estamos rindo e sorrindo. Devemos ser felizes e bem-humorados. Mas para quem? É preciso repensar esses lugares do rir e do sorrir.

Para concluir, fica evidente que de maneira geral o humor possui uma função social, que contribui e influencia as interações dos indivíduos. Além disso, possui também uma função terapêutica, onde, por meio de sua utilização, as pessoas externalizam e aliviam suas tensões, mesmo que aconteça de forma momentânea.

REFERÊNCIAS

- ALAVARCE, C. S. A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 208 p. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788579830259>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARONSON, E. The theory of cognitive dissonance: a current perspective. New York: Academic Press, 1969.
- BERGSON, H. O riso: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- CALLIGARIS, C. O hábito de Sorrir. Folha de S. Paulo, Caderno Ilustrada, 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/1111371-o-habito-de-sorrir.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2025.
- FERREIRA, F. J. O conceito de sarcasmo e a pós-modernidade. Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. v. 13, n. 19, p. 367–376, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/34935>. Acesso em 10 mai. 2025.
- FIGUEIREDO, C. Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade. Comunicação & Sociedade, v. 33, n. 57, p. 171–198, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275223584_Porque_Rimos_Um_Estudo_do_Funcionamento_do_Humor_na_Publicidade. Acesso em: 12 mai. 2025.
- FISCHER, K. Über den Witz. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1889.
- FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII.
- FREUD, S. O humor (1927). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI.
- GALASSO, L. M. R; ROCHA, L. E. Humor e estresse no trabalho: fatores psicossociais estressores e benéficos no trabalho dos operadores de telemarketing. São Paulo: Biblioteca Virtual em Saúde, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.6.2005.tde-15092011-103819>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- JERÓNIMO, N. A. Humor na sociedade contemporânea. 268f. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/3974>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- LINS, F. Escola da Comédia - Teorias do humor - incongruência. Youtube, 19 ago. 2020. 1 vídeo (5:12 min). Disponível em: https://youtu.be/AhH6TVOVX0A?si=QBAW9ndSS1uWk_UL. Acesso em: 21 mar. 2024.
- LIPPS, T. Komik und Humor. Eine psychologisch-ästhetische Untersuchung. Hamburg: L. Voss, 1898.
- MUECKE, D. C. A ironia e o irônico. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Debates, 250).
- SALIBA, E. T. História Cultural do Humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. São Paulo. Revista de história, n. 176, p. 01–39, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127332>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- SANTOS, S. L. D; DOMINGOS, C. Looking Back: o retorno cognitivo na interpretação da incongruência. Vitória: PPGEL-UFES, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20935/AcadEng7611>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- SILVEIRA, L. C. B. “Desconstruindo Harry”: um estudo sobre algumas funções e mecanismos do humor sob a ótica psicanalítica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/29046>. Acesso em: 10 mai. 2025.
- TABACARU, S. Uma visão geral das teorias do humor: aplicação da incongruência e da superioridade ao sarcasmo. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 9, n. 1, p. 115-136, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/840>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- ZILLES, U. O significado do humor. Porto Alegre. Revista FAMECOS, v. 10, n. 22, p. 83, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3239>. Acesso em: 21 mar. 2024.